



O Satyricon na construção da memória discursiva do homoerotismo masculino: a perspectiva do círculo de bakhtin e da teoria queer

Elio Marques de Souto Junior¹
Arlete José Mota²

Resumo: Este artigo visa estudar o Satyricon de Petrônio como uma obra que contribui na construção da memória discursiva do homoerotismo masculino na Roma imperial, uma vez que, na obra em questão, há enunciados acerca das relações sexuais entre homens, que expressam posicionamentos socioideológicos particulares. Para tanto, utilizaremos a teoria da linguagem do círculo de Bakhtin, principalmente o conceito de dialogismo que ressalta a interação verbal entre sujeitos ou textos como modo real de funcionamento da língua, e os pressupostos da teoria queer que compreende os gêneros e as sexualidade como construtos históricos, discursivos e efeitos de atos linguístico-performativos.

Abstract: This article aims at studying Petronius' Satyricon as a literary work of art that contributes to the construction of the discursive memory of male homoeroticism in imperial Rome, since, in the text in question, there are utterances about sexual relationships between men, which conveys particular socioideological positionings. To achieve this aim, we will use Bakhtin's circle theory of language, mainly de concept of dialogism that highlights verbal interaction among subjects or texts as the true way of language use, and the tenets of queer theory which understands genders and sexualities as historical and discursive constructs, as well as effect of linguistic-performative acts.

Palavras-chave: Satyricon; homoerotismo masculino; memória discursiva; círculo de Bakhtin; teoria queer.

Keywords: Satyricon; male homoeroticism; discursive memory; Bakhtin's circle; queer theory

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<http://lattes.cnpq.br/1445952904635849>

Email: eliomsj@yahoo.com.br

² Professora de Latim e do Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas Clássicas da UFRJ.

<http://lattes.cnpq.br/1268387557493516>

E-mail: arletemota@letras.ufrj.br





Introdução

Na literatura latina, era comum que os autores imitassem ou incorporassem no seu texto obras valorizadas pela tradição (VASCONCELOS, 2015). Assim, os escritores romanos deveriam ter as obras imitadas bem frescas na mente, o que destaca o papel da memória na composição literária romana. Da mesma forma, os/as leitores/as, a fim de terem uma melhor fruição dos textos literários, deveriam ter um ótimo conhecimento de todos os textos aludidos.

É exatamente a alusão de textos em outros textos, sejam eles literários ou não, que constitui a memória discursiva de um sujeito ou de uma sociedade na perspectiva do círculo de Bakhtin (AMORIM, 2010). Obviamente, tanto o texto que alude, quanto o aludido, podem expressar pontos de vista concordantes ou discordantes, haja vista que o uso linguístico é sempre atravessado por valores sociais. Com efeito, diferentes discursos podem legitimar ou marginalizar certas identidades sociais devido ao posicionamento socioideológico que veiculam.

Nesse sentido, concebendo a prosa literária como uma arena onde diversas vozes sociais interagem, expressando diferentes pontos de vista (BAKHTIN, 1988) e que as identidades sexuais e de gênero são construídas em significado nos e pelos textos literários (BERTEINS, 2008), este artigo visa estudar a memória discursiva, materializada no uso vocabular, do homoerotismo masculino no *Satyricon* de Petrônio, texto produzido no século I d. C. durante o principado de Nero (MORALES, 2008).

A fim de alcançarmos nosso objetivo, na seção 2, estudaremos brevemente a teoria da linguagem do círculo de Bakhtin³ (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2004; BAKHTIN, 2010) que se configura como um método de crítica literária e cultural (FIORIN, 2010a). Assim sendo, recorreremos ao conceito de dialogismo para pensar a construção da memória discursiva (AMORIM, 2010) na Roma imperial.

Na seção 3, discutiremos a respeito dos pressupostos da teoria queer⁴ que concebe os gêneros e as sexualidades como construções sócio-históricas e discursivas, sendo resultados de atos linguístico-performativos (BUTLER, 2003; DOWSON, 2009; SULLIVAN, 2007). Tais atos são um modo de agir no mundo e sobre os sujeitos, criando

³ Círculo de Bakhtin é o termo utilizado para designar um grupo de intelectuais russos que se reuniam para estudar questões sobre a linguagem e o destaque dado ao nome de Bakhtin deve-se ao fato de que foi ele quem escreveu as obras de maior relevância para os estudos da linguagem (FARACO, 2009).

⁴ O termo queer não é destacado em itálico porque já foi incorporado ao vocabulário da língua portuguesa no âmbito acadêmico brasileiro, como pode ser comprovado na obra de Louro (2004).





suas identidades sexuais e de gênero performativamente. Nessa perspectiva, essas identidades são compreendidas como performances corpóreo-discursivas encenadas em contextos singulares.

Por fim, na seção 4, analisaremos trechos do *Satyricon*⁵ com base na fundamentação teórica discutida nas seções anteriores, evidenciando como os enunciados são construídos retomando outros enunciados que ridicularizam a performance homoerótica de masculinidade e contribuem na constituição da memória discursiva. Além disso, descreveremos sucintamente o enredo da obra petroniana e destacaremos o gênero literário ao qual ela pertence.

Usaremos, nesta investigação, os termos homoerotismo para nos referir às relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo e heteroerotismo para aquelas entre pessoas do sexo oposto. O uso de tais termos é uma forma de respeitar as particularidades que essas relações assumem em um contexto cultural e sócio-histórico específico (COSTA, 2002), o que não ocorre com as palavras heterossexualidade, homossexualidade, ou homossexualismo, que não possuem valor epistemológico para estudar os gêneros e as sexualidades na antiguidade clássica (FOUCAULT, 1984).

A teoria da linguagem do círculo de Bakhtin

O círculo de Bakhtin compreende a língua como interação entre sujeitos socioideologicamente organizados, questionando a concepção de linguagem dominante no início de século XX, que concebia a língua como um sistema abstrato de regras, sendo uma criação individual (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2004). Portanto, "a interação verbal constitui [...] a realidade fundamental da língua" (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2004: 127).

A interação, nessa perspectiva, ocorre entre sujeitos presentes em uma enunciação face-a-face ou entre sujeitos distantes temporal e espacialmente, que dialogam por meio de enunciados (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2004; BAKHTIN, 2011). Tais enunciados devem ser analisados e interpretados a partir da situação concreta na qual a interação acontece, ou seja, no seu contexto sócio-histórico e cultural particular. Para Bakhtin

⁵ A edição crítica do *Satyricon* consultada é a estabelecida por Ernout em 1950 e a tradução dos trechos da obra é de nossa responsabilidade.





(2010), é o uso da língua em uma situação real de comunicação que configura o conceito de discurso.

Na perspectiva de Bakhtin e Voloshinov (2004), a enunciação é produto de dois sujeitos situados em uma circunstância sociocultural e histórica específica. Assim, a palavra dirige-se a um interlocutor real e somente será válida em função deste, tendo em vista os grupos sociais aos quais ele pertence e seus laços sociais. Por conseguinte, não pode haver interação discursiva com um interlocutor abstrato, mesmo no sentido figurado.

Conforme Bakhtin e Voloshinov (2004: 113), "a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se no meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor". Na ótica de Bakhtin e seu círculo, pois, a linguagem é uma realidade intersubjetiva e essencialmente dialógica, sendo o sujeito sempre atravessado pela coletividade, o que caracteriza o conceito de dialogismo.

A linguagem, com base na concepção de dialogismo, é vista como heterogênea, isto é, o discurso é construído pelo discurso do outro (BAKHTIN, 2010, 2011). Nas palavras de Fiorin (2010b: 19), "dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados". A esse respeito, Bakhtin (2011, p. 297) assevera que cada enunciado está repleto de ressonâncias e ecos de outros enunciados, estando "pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva".

Essa atitude responsiva entre enunciados caracteriza o "movimento dialógico" da enunciação entre interlocutores e possibilita que Bakhtin e Voloshinov (2004) formulem as noções de compreensão e recepção ativas. Sobre essa questão, os autores explicam que

compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela e encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2004: 131-2).

Na verdade, todo enunciado implica em uma réplica, isto é, a compreensão da enunciação só se efetua quando esta é posta no movimento dialógico dos enunciados, o que torna impossível que um sujeito defina sua posição sem relacioná-la a outras.





Ao enfatizar o caráter sociointeracional da enunciação, Bakhtin e Voloshinov (2004) observam que não há enunciado fora da ideologia, pois o signo é sempre ideológico. Desta feita, "Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico*" (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2004: 32, ênfase no original). Consoante Medviédev (2016), cada esfera ideológica possui signos específicos a fim de referirem-se à exterioridade, representando-a e construindo-a de modo peculiar.

Nesse sentido, os enunciados ideológicos dos sujeitos são sempre uma resposta ativa às vozes interiorizadas, sendo o mundo interior caracterizado pela dialogização da multiplicidade de vozes sociais que possuem pontos de vista e juízos de valor particulares (FARACO, 2009). Com efeito, a interação verbal constitui uma arena onde diversas vozes sociais estão em disputa e em igualdade de condição, fato este denominado por Bakhtin (2010) de polifonia.

O termo polifonia, consoante Faraco (2009), foi tomado emprestado da teoria musical para referir-se à presença de várias vozes em um mesmo discurso sem que haja uma relação de dominação entre elas. De acordo com Bakhtin (2010), tais vozes, ideologicamente distintas, ora se orquestram, ora se digladiam, haja vista que são "representantes de um determinado universo e marcadas pelas peculiaridades desse universo" (BEZERRA, 2012: 133).

Uma vez que a realidade fundamental da linguagem é a atividade sociossemiótica que ocorre entre sujeitos nas relações sociais situadas historicamente, o diálogo, seja entre discursos ou sujeitos, constitui, assim, o principal aspecto da polifonia (BAKHTIN, 2010). Nessa perspectiva, todo discurso é considerado como um objeto heterogêneo formado por diversas vozes, sendo a reconfiguração de outros discursos dos quais se origina. Desse modo, os discursos estão constantemente dialogando entre si e uns retomam os outros.

Os sujeitos, nessa ótica, são constituídos como tais nas ações interativas e sua consciência é formada na interiorização de discursos pré-existentes, que são atualizados nas permanentes e contínuas interlocuções nas quais são proferidos (BEZERRA, 2012). Por conseguinte, o ponto de vista do sujeito origina-se da interação das suas palavras com as do outro na relação dialógica, destacando o papel central do outro no conceito de polifonia.





Na comunicação discursiva cotidiana ou estético-literária, os enunciados concretos, ou discursos, fazem parte de uma rede de significados na qual retomam enunciados produzidos no passado e antecedem outros no futuro (BAKHTIN, 2010, 2011). Tal fato indica que a história e a memória são fundamentais na construção do significado, mesmo que não estejam muito explícitos na situação de comunicação (BRAIT, 2010).

Pensar a memória na perspectiva do círculo implica reconhecer que a atividade discursiva ultrapassa a ação individual, associando-se ao campo da memória coletiva compartilhada por todos/as de uma dada sociedade (AMORIM, 2010). Com efeito, cada novo discurso se tornará parte de uma cadeia memorialista, gerando, certamente, outros discursos como resposta ao novo discurso.

A memória, nesse sentido, é um elemento indispensável na constituição dos significados e das lembranças pelos sujeitos no mundo social e, como observa Amorim (2010: 168), "há necessariamente uma atividade coletiva, social e cultural, que alimenta e mantém viva essa memória através do fazer circular palavras e gêneros entre os sujeitos". Desse modo, é a memória dos gêneros do discurso que permite a comunicação de experiências e pontos de vista entre os sujeitos.

Sendo de caráter discursivo e intersubjetivo, a memória coletiva presta-se à construção identitária, na medida em que retoma enunciados do passado, que legitimavam ou marginalizavam identidades sociais (AMORIM, 2010). A memória discursiva, pois, pode atualizar ou alterar significados do passado em função da interação sociodiscursiva na qual os sujeitos se engajam.

Como pondera Ruffolo (2009), a teoria da linguagem do círculo de Bakhtin, notadamente o conceito de dialogismo, é útil para pensar as identidades de gênero e sexualidade como construtos sociais, culturais e, principalmente, discursivos. Assim sendo, é possível que essas identidades sejam compreendidas como fluidas e em constante processo de construção, o que remete aos pressupostos da teoria queer.

A teoria queer e a concepção construcionista dos gêneros e das sexualidades

O termo queer, segundo Spargo (2000: 3), "antes lançada ou sussurrada com um insulto, é agora orgulhosamente reivindicada como uma marca de transgressão". A transgressão, no contexto da teoria queer, significa criticar a visão naturalizada, biologizante, essencialista e a-histórica alicerçada em oposições binárias com a qual as





categorias de gênero e sexualidade eram compreendidas (DOWSON, 2009). Nesse sentido, os/as teóricos/as queer buscam pensar tais categorias como construções sociais e discursivas situadas em um contexto sociocultural específico (LOURO, 2004; SULLIVAN, 2007).

A teoria queer, de acordo com Louro (2004), insere-se no quadro epistemológico do pós-estruturalismo que estuda as relações entre sujeitos, a vida social e as práticas de construir significado. Nessa perspectiva, o significado não é visto como pré-existente aos sujeitos, mas é construído nas interações sociais mediadas pelo discurso. Portanto, a teoria queer encontra, na teoria da desconstrução de Derrida, nas reflexões de Foucault acerca da construção discursiva da sexualidade e na noção dos gêneros e das sexualidades como atos performativos de Butler, meios para embasar sua nova forma de pensar essas categorias.

A desconstrução é uma teoria que, além de destacar o caráter construído do significado, proporcionou um abalo no pensamento metafísico ocidental, uma vez que este se apoiava em oposições binárias, tais como mente x corpo, masculino x feminino, heteroerotismo x homoerotismo, atividade x passividade, para estabelecer uma hierarquia ou supremacia de um termo sobre o outro (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004). Derrida (1991) pontua que desconstruir significa decompor os discursos com os quais as oposições binárias são estabelecidas, revelando seus pressupostos, suas ambiguidades e suas contradições.

A perspectiva da desconstrução pode sustentar a proposta de problematizar os binarismos e a lógica falocêntrica, conceito útil para pensar a questão do gênero e da sexualidade (DERRIDA; ROUDINESCO, 2004). O modelo falocêntrico da sociedade ocidental atribui significado às coisas e aos sujeitos tomando como base sempre o masculino, ou seja, considerando o falo como ponto de referência e centro a partir do qual ocorreria todo o processo de subjetivação.

Assim como Derrida e Roudinesco (2004) destacam o papel do discurso no estabelecimento das oposições binárias, Foucault (2001) assevera que a sexualidade é um construto discursivo. De fato, a sexualidade é "uma categoria construída de experiência que tem origens históricas, sociais e culturais" (SPARGO, 2000: 12), não sendo, portanto, fruto da biologia ou da genética. Com efeito, a sexualidade é um "dispositivo histórico" construído fundamentalmente pelo discurso médico-psiquiátrico do século XIX, que





buscou produzir um saber sobre os comportamentos sexuais, a "*scientia sexualis*", a fim de legitimá-los ou marginalizá-los (FOUCAULT, 2001).

Portanto, Foucault (2001) observa como a construção discursiva de um saber sobre a sexualidade está intimamente relacionada a relações de poder, pois o poder "permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discursos" (FOUCAULT, 2002: 8). Nesse sentido, a "*scientia sexualis*" pôde produzir discursos de verdade a respeito dos sujeitos e sua sexualidade, permitindo, desse modo, classificar os "tipos sexuais" com base em uma visão de normalidade (FOUCAULT, 2001).

Butler (2003) também aponta o papel central do discurso na constituição dos gêneros, argumentando que essa categoria é culturalmente construída por atos linguístico-performativos. Portanto, a autora destaca a visão performativa da linguagem como primordial para pensar a construção dos gêneros e das sexualidades. A performatividade refere-se a um ato discursivo que produz aquilo que ele nomeia, ou seja, a linguagem torna-se um discurso delimitador e formador dos objetos e sujeitos.

Nessa perspectiva, os gêneros e as sexualidades resultam de um discurso performativo, o que demonstra que os sexos não têm nenhuma validade intrínseca e ontológica (BUTLER, 2003). Tal noção permite que se desnaturalize a relação entre sexo e gênero, expondo os mecanismos culturais que produzem a coerência do gênero que, assim, torna-se uma categoria inteligível. A inteligibilidade baseia-se na sequência sexo-gênero-desejo sexual na qual o sexo biológico determina o gênero que, por sua vez, determina o desejo sexual.

Com base nas reflexões dos/as teóricos/as queer, é possível pensar as identidades sexuais e de gênero como performances, noção esta que não considera tais identidades como dados pré-discursivos, haja vista que elas só existem no interior das práticas discursivas na quais os sujeitos sociais se engajam (BUTLER, 2003; SULLIVAN, 2007). Portanto, os gêneros e as sexualidades são efeitos discursivos provenientes de performances que os sujeitos encenam em práticas sociais reguladas em contextos particulares.

Desse modo, na perspectiva da performance, os gêneros e as sexualidades resultam do que os sujeitos fazem no posicionamento que ocupam, das narrativas que contam, dos modos de aceitar e recusar parceiros sexuais, etc. (SULLIVAN, 2007). Por conseguinte, essas categorias são (re)construídas, negociadas e contestadas nos processos de construir significado nas interações sociais, o que impossibilita pensar as identidades





sexuais e de gênero como homogêneas, acabadas e fixas. Na próxima seção, analisaremos o texto petroniano à luz das teorias discutidas.

A memória discursiva e o *Satyricon*

| 31

O *Satyricon* relata as aventuras e desventuras, frequentemente eróticas, de Encólpio, narrador-personagem, e seu amante Gitão, adolescente entre 14 e 16 anos. Na primeira parte de suas aventuras, estão acompanhados de Ascilto, amigo de Encólpio, com quem disputa o amor de Gitão. Em dado momento, o trio é convidado para um banquete na casa de Trimalquião, liberto enriquecido. Em outra série de aventuras, Encólpio e Gitão estão acompanhados de Eumolpo, velho poeta sem nenhum talento, com quem viajam a Crotona.

Embora haja discussões acerca da autoria do *Satyricon*, do seu contexto de produção e do gênero literário ao qual a obra pertence, neste artigo, consideramos que esta foi escrita por Petrônio, o árbitro da elegância, na segunda metade do século I da nossa era durante o principado de Nero (HARRISON, 2005). Quanto ao gênero literário, classificamos a obra petroniana como um romance de temática queer, visto que os protagonistas, Encólpio, Gitão e Ascilto, encenam performances homoeróticas, transgredindo o modelo de masculinidade romana desejável socialmente (MORALES, 2008), e por apresentar elementos típicos da prosa literária, como o tipo de personagem e a interação verbal entre eles (HARRISON, 2005).

O capítulo XXIII do "episódio de Quartila", sacerdotisa do deus Priapo (PANAYOTAKIS, 1995), serve ao nosso propósito de analisar como a memória discursiva influencia a construção de performances de gênero e sexualidade na Roma imperial. Neste episódio, Encólpio, Ascilto e Gitão são forçados pela sacerdotisa a participarem de um culto a essa divindade por terem profanado um ritual em honra ao deus.

O uso da palavra bicha no trecho "entra uma bicha, o homem mais sem graça de todos e, sem dúvida, digno daquela casa, que, logo após soltar gemidos e desmunhecar [...]" evidencia o papel da memória discursiva no estabelecimento de uma performance de gênero e sexualidade desviante do modelo priápico da masculinidade. Esse modelo fundamenta-se na figura de Priapo, deus da fertilidade, das hortas e jardins, que é representado nas artes visuais como um homem baixo com um enorme pênis ereto (OLIVA NETO, 2006).





Na perspectiva da masculinidade priápica, o cidadão romano, *uir*, deveria estar sempre pronto para dominar e subjugar outros sujeitos socialmente inferiores, como mulheres, escravos, libertos e estrangeiros, através do ato da penetração sexual (WILLIAMS, 2010). O desempenho do papel passivo nas experiências sexuais por esse cidadão significava um descontrole em relação ao seu desejo sexual, além de estar associado à submissão ao prazer de outro sujeito, seja homem ou mulher. A encenação de uma performance sexual passiva pelo *uir* seria motivo para discriminação.

O vocábulo *bicha* foi nossa escolha de tradução para o termo latino *cinaedus* que configura uma forma pejorativa de se referir a um homem que desempenha o papel passivo com outros homens nas relações sexuais, tentando imitar o comportamento feminino, ou pode designar um homem que desempenha o papel ativo com mulheres, buscando dar prazer a elas (FEITOSA, 2005; WILLIAMS, 2010). Em ambos os casos, os *cinaedi* seriam acusados de falta de virilidade, o que era suficiente para garantir sua má reputação.

No capítulo em questão, sem dúvida, a *bicha* encena uma performance homoerótica passiva com Encólpio, o que pode ser comprovado na passagem "ficou em vão sobre meus órgãos genitais como se estivesse cavalgando". Ao colocar-se em cima do narrador-personagem na tentativa de manter uma relação sexual, a *bicha* está, na verdade, reproduzindo um comportamento reprovado pela sociedade romana, até porque este era típico das prostitutas (WILLIAMS, 2010). Ademais, para o cidadão romano, ficar por baixo na prática sexual denotava a rejeição do seu status de dominador e controlador.

Com efeito, considerando tudo o que foi dito até aqui, o uso de *bicha* por Encólpio tem um valor performativo óbvio (BUTLER, 2003), uma vez que permite a construção de uma performance homoerótica passiva desviante das normas sexuais prescritas e materializadas nos enunciados. De certo, conforme Williams (2010), a masculinidade priápica é construída com base no insulto daqueles cuja masculinidade afasta-se da ideia de impenetrabilidade do corpo masculino.

Na medida em que a palavra é um produto ideológico, sua utilização em um enunciado concreto dialoga com valores sociais estabelecidos pelos/as falantes de uma língua determinada, o que possibilita a expressão de pontos de vista relacionados a esses valores (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2004). Comunicados oralmente ou por escrito, os vocábulos, principalmente os que designam identidades sexuais e de gênero, fazem parte





de uma "memória discursiva coletiva" (AMORIM, 2010) que marginalizam ou legitimam sujeitos segundo suas práticas sexuais (SULLIVAN, 2007).

É exatamente a memória discursiva de um povo, neste caso, o romano, que permite a construção de representações identitárias de acordo com padrões constituídos social e culturalmente (AMORIM, 2010). Assim sendo, Encólpio, ao enunciar o termo bicha, atualiza um significado depreciativo, presente nos discursos sobre os gêneros e as sexualidades na sociedade romana imperial, que concebe a performance homoerótica passiva negativamente, assim como em períodos anteriores da história de Roma.

Adams (1982) pondera que o termo *cinaedus* é encontrado na poesia de Catulo, poeta da época republicana, para categorizar um homem como obsceno e lascivo. Possivelmente, esse significado pejorativo tenha suas raízes na Grécia clássica, pois *kínaidos* correspondia a "um homem social e sexualmente desviante" (WINKLER, 1990: 45), podendo referir-se a um prostituto que encenava uma performance homoerótica passiva com seus clientes.

Nessa perspectiva, a presença de *cinaedus* no *Satyricon* consiste em uma estratégia discursiva não só de atualizar o significado negativo desta palavra que já circulava na sociedade romana, mas também de construir a memória discursiva e coletiva do homoerotismo masculino passivo na Roma imperial do século I d. C. Importa ressaltar que tal memória ainda é atualizada na contemporaneidade, haja vista que os sujeitos homoeróticos ainda são pensados como desviantes do padrão heteroerótico desejável (PARKER, 2002).

Considerações finais

A memória, durante muitos séculos, foi pensada como um aspecto individual, correspondendo à faculdade de reter e lembrar acontecimentos e informações do passado e restringindo-se à dimensão neuropsicológica (AMORIM, 2010). Foi na passagem do século XIX para o XX, que a memória passou a ser compreendida como um fenômeno social e discursivo (ACHARD; DAVALLON; DURAND; PÊCHEUX, 1999) e, na perspectiva do círculo de Bakhtin, a memória é sempre coletiva e construída nas e pelas interações verbais (AMORIM, 2010).

Neste artigo, demonstramos como o uso da palavra bicha na obra petroniana constitui um modo de atualizar valores sociais e ideológicos presentes na memória discursiva coletiva da cultura romana. Esses valores, materializados em enunciados





concretos (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2004), atribuem um significado pejorativo aos cidadãos romanos cujas performances de masculinidade distanciam-se do modelo priápico (WILLIAMS, 2010).

A análise evidenciou, com efeito, que a utilização do termo bicha possui uma dimensão performativa (BUTLER, 2003), ou seja, a enunciação de tal termo cria uma performance sexual e de gênero particular e passível de ridicularização. A performatividade, dessa forma, é o que garante a construção de performances no âmbito das categorias de gênero e sexualidade segundo as normas socioculturalmente estabelecidas ou desviantes destas. Destarte, o texto petroniano constrói pejorativamente a memória discursiva da performance homoerótica masculina passiva com base em valores socioideológicos que permeavam os discursos desde a Grécia clássica

Referências

- ADAMS, J. N. **The latin sexual vocabulary**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1982.
- ACHARD, P.; DAVALLON, R.; DURAND, J.; PÊCHEUX, M. **O papel da memória**. Campinas, SP: Pontes editores, 1999.
- AMORIM, M. A memória em perspectiva bakhtiniana: um limite para as neurociências? In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (orgs.). **Círculo de Bakhtin: diálogos impossíveis II**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 165-174.
- BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 11ª edição. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoievski**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. **Estética da criação verbal**. 6ª edição. São Paulo: WMF, 2011.
- BERTENS, H. **Literary theory: the basics**. 2ª edição. London/New York: Routledge, 2008.
- BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chaves**. 7ª edição. São Paulo: Contexto, 2012, p. 191-200.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: ____ (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chaves**. 1ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010, p. 9-32.
- BUTLER, J. [1990] **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COSTA, A, J. F. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo I**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- DERRIDA, J. **Margens da filosofia**. 1ª edição. Campinas: Papyrus, 1991.





DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. [2001] **De que amanhã: diálogos**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DOWSON, T. A. Queer theory meets archaeology: discussing epistemological privilege and heteronormativity in constructing the past. In: GIFFNEY, N. e O'ROURKE, M. (eds.). **The Ashgate research companion to queer theory**. Surrey: Ashgate Publishing, 2009, p. 277-294.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.

FEITOSA, L. C. **Amor e sexualidade: o masculino e o feminino nos grafites de Pompéia**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2005.

FIORIN, J. L. Categorias de análise em Bakhtin. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (orgs.). **Círculo de Bakhtin: diálogos impossíveis II**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010a, p. 33-48.

_____. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2010b.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 14ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. **Microfísica do poder**. 16ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

HARRISON, S. The novel. In: ____ (ed.). **A companion to latin literature**. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p. 213-222.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MEDIVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. 1ª edição, 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

MORALES, H. History of sexuality. In: WHITMARSH, T. (ed.). **The Cambridge companion to the Greek and Roman novel**. New York: Cambridge University Press, 2008, p. 39-55.

OLIVA NETO, J. A. **Falo no jardim: priapeia grega, priapeia latina**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

PANAYOTAKIS, C. **Theatrum arbitri: theatrical elements in the Satyrica of Petronius**. Leiden/New York: E. J. Brill, 1995.

PARKER, R. **Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade e comunidade gay no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PÉTRONE. **Le satiricon**. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1950.

SPARGO, T. [1999] **Foucault and queer theory**. 2ª edição. Cambridge: Icon Books, 2000.

SULLIVAN, N. **A critical introduction to queer theory**. 2ª edição. New York: New York University Press, 2007.

VASCONCELOS, P. S. de. Ensino e pesquisa de língua e literatura latina no Brasil de hoje. In: PRATA, P.; FORTES, F. (orgs.). **O latim hoje: reflexões sobre cultura clássica e ensino**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015, p. 53-68.





WILLIAMS, C. A. **Roman homosexuality: ideologies of masculinity in classical antiquity**. 2^a edição. New York: Oxford University Press, 2010.

WINKLER, J. J. **The constraints of desire: the anthropology of sex and gender in ancient Greece**. London/New York: Routledge, 1990.

